

**LEXICOLOGIA E LEXICOFONIA:
USO E SENTIDO DO PALAVRÃO NA CULTURA BRASILEIRA**

José Geraldo da Rocha (UNIGRANRIO)

rochageraldo@hotmail.com

Rosane Cristina de Oliveira (UNIGRANRIO)

Além da função psicológica de xingar, nós não podemos nos esquecer das funções sociais. Xingar é importante para criar relacionamentos estreitos, amizade ou intimidade com os outros.

(Monika Bednarek)

RESUMO

O emprego terminológico de certas palavras na língua portuguesa quando descontextualizado acaba possibilitando uma interpretação equivocada. Muito do que hoje é compreendido como “palavrão” está diretamente associado a diversificados contextos socioculturais. Vivemos em um país de formação cristã onde valores os consensuados pela cultura dominante, são usados como padrão pela sociedade. Alguns termos, do ponto de vista moral apregoados nessa cultura de dominação, foram colocados como inapropriados para determinadas situações, também formatadas pelos valores da cultura de dominação. Não raras são as vezes em que pessoas se sentem ofendidas por ouvir a evocação de um palavrão cujos códigos morais e puritanos entendem tratar-se de algo inadmissível.

Palavras-chave: Palavrão. Xingamento. Cultura brasileira. Lexicologia.

1. Introdução

Você já se sentiu com uma vontade de dizer um puta palavrão, mandar tudo à merda ou para puta que pariu? Em determinadas situações tais sentimentos tomam conta da maioria de nós. Uns mais outros menos conseguem se conter. Mas, às vezes, não tem jeito e diante de situações extremas, a cabeça ferve e a calma que precisaríamos manter em situações de conflito acaba nos deixando na mão. Vem a hora da extrapolação. Gritamos, explodimos e berramos. Algo que estava entalado em nossa garganta vem à tona. Ao esfriar a cabeça, pode até vir em certos casos um peso na consciência, o remorso, mas dependendo da situação, o indivíduo tem a vontade de fazer de novo.

Em determinados contextos aquilo que soa como palavrão pode em outro lugar ser algo comum. Tudo depende muito dos códigos éticos

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

e morais de uma determinada cultura na vida dos povos. O presente artigo tem por objetivo discutir como na cultura brasileira tais termos são muito mais comuns que o pensamento puritano admite e o quanto a hipocrisia de setores ligados ao conservadorismo reacionário atua nos meandros da cotidianidade da vida. Assim sendo, o artigo vai apresentar um pouco do uso e do sentido do chamado *palavrão* na cultura brasileira. Em virtude dos processos de dominação cultural, tabus, pudores, conservadorismo e moralismos acabaram formando modos de pensar que acabam censurando a lexicologia e a lexicofonia.

2. *Para início de conversa*

Na década de setenta quando ainda menino vivendo no interior do Paraná saí da casa de meus pais para ingressar em um colégio interno. Uma vez por mês era costume voltar em casa. Sempre que chegava era aquela alegria. Família de muitos irmãos. De repente alguém perguntava quais são as novidades? Imediatamente minha mãe recriminava. “Não quero saber de novidades aqui em casa”. Para minha mãe, palavra novidade era um *palavrão*. Minha mãe era uma mulher que viveu no interior de Minas Gerais. Novidade para ela era o mesmo que arenga, ou simplesmente fofoca. Nós, então, éramos proibidos de usar esse termo em casa, mesmo sabendo que se tratava de outra realidade. Algo muito parecido acontecia com meu pai, entretanto, o termo que encerrava *palavrão* era fome. Certamente essa palavra marcou algumas situações vivenciadas pela nossa família de modo que ele não suportava nem ouvir pronunciar a palavra. Para ele que era para dizermos que estávamos com vontade de comer, mas nunca com fome.

Essas duas situações nos remontam a uma série de outros presentes na cultura brasileira, onde a compreensão e interpretação dos *palavrões* está associada a uma trajetória de vida, circunstâncias, vivências, valores e concepções. As palavras ganham novos sentidos. Seus usos e significados, em conformidade com os costumes e lugares, nem sempre podem ser interpretadas ao pé da letra. Vivemos em uma sociedade onde impera certos pudores e tabus, frutos de um moralismo e um conservadorismo tal que se comete atrocidades e essas não são consideradas uma afronta quanto um *palavrão* dito em determinados ambientes. São códigos de uma cultura dominante. Uma cultura que cerceia e censura as falas bem como os sujeitos do falar, em nome da moral e dos bons costumes. De certo modo não passa de uma hipocrisia.

O preconceito linguístico, por exemplo, é uma discussão interessante em se tratando das tentativas de controle social em relação ao cerceamento do uso do palavrão. Leite (2008), ao comentar sobre o preconceito e a intolerância linguísticos, salientou que,

O preconceito e a intolerância linguísticos revelam o comportamento de um falante diante da linguagem de outro e é, pois, um fato de atitude linguística. Como tudo o que diz respeito à linguagem, a atitude linguística não pode apenas ser interpretada como um assunto puramente pertinente ao domínio da língua. Antes de tudo, como sabemos muito bem, a linguagem é social, plena de valores, é axiológica e, por meio dela, consciente ou inconscientemente, o falante mostra a sua ideologia. Por isso, é preciso deixar claro que estudar o preconceito e a intolerância é ir além de fatos e opiniões que dizem respeito à língua e sua realização. (LEITE, 2008, p. 13-14)

Certa vez, se expressou uma senhora em um debate acadêmico ao ser questionada por um colega sobre: “você vai andando e bate com o pé em uma pedra... não vai soltar um puta *que pariu?* Ela respondeu “ vou dizer misericórdia senhor”. Ora, de certo modo isso, por um lado, é expressão de um modo religioso que revela o quanto alguns indivíduos sentem-se melindrados com os palavrões. Por outro lado, denota o quão distante esse indivíduo se encontra em relação às expressões culturais presentes no cotidiano da vida das pessoas. As palavras com conotações sexuais são as que recebem maiores reprovações, com algumas exceções. É corriqueiro na língua nacional a utilização do termo coitado para designar um indivíduo em um estado sofrível. Ora coito, como ato sexual não está ao alcance popular em sua compreensão. Daí que proferir o termo coitado para muitos não remete ao ato sexual e conseqüentemente a sua aceitação no linguajar cotidiano. Na verdade, ao dizer que alguém é coitado, é dizer que esse indivíduo é fodido. Na linguagem popular presente em nossa cultura, estar fodido é o mesmo que estar na merda.

Monique Augras (1989), ao discutir o Tabu, chamou a atenção para a relação entre as lexias proibidas e a linguagem erótica/obscena. Para a autora,

Em todo grupo cultural, há partes do corpo que não se devem sequer nomear. É o caso, entre nós, dos órgãos sexuais, que são designados, ou por jargão médico científico, ou por palavrões. É que os órgãos sexuais servem para lidar diretamente com o outro, estabelecendo a ligação entre opostos e, por conseguinte, têm de ser objeto de tabus, como tudo aquilo que fomenta um duplo domínio. (AUGRAS, 1989, p. 41)

Existe uma diferenciação demarcada exacerbadamente entre o público e o privado. Nesse contexto o ambiente da casa, das famílias são consideradas privadas, enquanto que a rua, o campo de futebol são espa-

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

ços públicos. Assim sendo, um mesmo indivíduo, cujos padrões morais e ou religioso, não lhe permite proferir um palavrão dentro de sua casa, quando sai na rua o profere sem nenhuma cerimônia. A título de exemplificação pode-se observar o que se diz em um estádio de futebol quando um juiz apita um lance duvidoso. Alguns palavrões na cultura brasileira tornaram-se expressões populares, sem nenhum demérito para a cultura popular, pois essa é expressão de resistência de grupos marginalizado na sociedade.

A língua falada e escrita são as formas mais usuais de comunicabilidade. Entretanto, na informalidade é comum proferir palavras que, por vezes, possuem duplo significado (como, por exemplo: “caramba!”), que dependendo da forma que é externada pode remeter à ideia de dor, raiva, alegria, surpresa. Mas, então, o que é palavra, palavrão e como a cultura influencia ou é influenciada por tais elementos? De acordo com o dicionário da língua portuguesa, palavra é originária do grego *parabolé*, e do latim *parabola*, e significa

1. Unidade mínima com som e significado que pode, sozinha, constituir enunciado; forma livre.
 2. Unidade pertencente a uma das grandes classes gramaticais, como, por exemplo, substantivo, verbo, adjetivo, advérbio, abstraídas as diferentes realizações (marcas flexionais) que ela possa apresentar; lexema. [...]
 4. Nas escritas modernas, unidade constituída por grafemas, delimitadas por espaços em branco e/ou sinais de pontuação.
 5. Alta expressão do pensamento; verbo. [...]
 7. Faculdade de expressar ideias por meio de sons articulados; fala. [...]
- (FERREIRA, 2004, p. 1470)

A definição contida no dicionário da língua portuguesa é extensa. É possível notar a importância e, ao mesmo tempo, a complexidade que acompanha o uso da palavra. Além do significado, os sentidos do uso da “palavra”, como “empenhar a palavra”, “medir as palavras”, “ter palavra”, traduz uma série de significados que ao longo do tempo, de acordo com as transformações culturais e sociais, também sofrem alterações.

O palavrão, intensamente utilizado, especialmente na linguagem falada, existente no mundo todo, é observado como um tabu, algo ruim, que não devemos dizer, ouvir ou conhecer. Continuando com o dicionário da língua portuguesa, palavrão é “palavra obscena ou grosseira; palavrada, pachouchada”. Mas é, também, pode ser “palavra grande, difícil de pronunciar”, ou, ainda, “termo enfático ou empolado; palavrada”.

3. Sons e os ouvidos sensíveis

Aos ouvidos de muitos, alguns sons das palavras presentes no vocabulário cotidiano na cultura brasileira tornam-se ofensivos. É nesse contexto que o palavrão ganha notoriedade. Nem se atem tanto ao sentido do emprego terminológico em si, mas ao fato de ser tal palavra compreendida na cultura como sendo uma palavra de baixo calão. Nota-se que também a definição do que é uma palavra de baixo calão está associada à cultura de dominação.

“*Putá merda*” uma expressão muito corriqueira que associa duas realidades na sua pejoratividade, mas dependendo do contexto pode ensinar exatamente o contrário. Puta merda o cara é bom mesmo! Os chamados “politicamente corretos” em tom de brincadeira afirmam que em um contexto de censura e repressão do palavrão, dever-se ia falar “prostituta fez”. Ora nesse caso, o uso da língua culta perde completamente a conotação que se deseja imprimir à expressão. Algo semelhante acontece com “puta que pariu”, que no politicamente correto da linguagem se diria “prostituta que deu à luz”. É uma expressão que enseja espanto, “puta que pariu”, que maravilha a minha nota na prova! Pode também ensinar desagrado total. “Putá que pariu”, não se perde um gol assim, sozinho, só ele e a trave. Observa-se que nesses casos o palavrão não caracteriza ofensa a ninguém. Ele não é dirigido ao indivíduo no sentido de ofensa. Apenas uma palavra jogada ao ar, num contexto que expressa o estado emocional de quem o profere.

Um dos traços mais notáveis de nossa cultura é que se falar muitos palavrões. Todos sabem disso. Cada um de nós contribui com sua parte. Mas tendemos a não perceber essa situação.

Falar palavrões não consta do manual de boas maneiras de nenhuma área. Mas, segundo um estudo feito pela Universidade de Keele, na Inglaterra, pasará a ser recomendação médica. Isso porque proferir palavras do tipo ajudaria a aliviar a dor, segundo informou o jornal britânico *Daily Mail*. A Faculdade de Psicologia da entidade estudou o comportamento de 70 voluntários que realizaram um teste prático: tiveram de colocar as mãos em um recipiente com água gelada, a cerca de 5°C, enquanto repetiam palavrões a fim de aliviar o desconforto causado pelas baixas temperaturas. Outras vezes, tiveram de expressar outras palavras. A experiência durou três minutos em cada situação e foi monitorada a partir do aumento dos batimentos cardíacos. Os que ficaram xingando enquanto mantiveram as mãos na água fria demonstraram mais tolerância à dor e também menores variações no ritmo do coração. Mas o levantamento alerta que o benefício só é obtido se não se tem o hábito de proferir palavrões. “Quanto maior a frequência em falar palavras do tipo, menor foi a tolerância em permanecer com as mãos na água e à dor”, disse o psicólogo Ri-

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

chard Stephens ao *Journal of Pain*. O especialista explicou que os resultados se devem aos palavrões representarem uma forma de linguagem que tem o efeito de aliviar emoções. "As palavras em geral ativam a parte esquerda do cérebro, mas os palavrões parecem acionar partes mais profundas, associadas às emoções". (ACHKAR, 2015)

Pode-se constatar que um palavrão pode fazer muito bem. É corrente a compreensão que o nível de estresse pode ser aliviado quando se profere um palavrão. Os dados da pesquisa destacados aqui nos demonstram que existe uma cientificidade no indicar alguns benefícios que isso encerra. Além de aliviar a dor e o estresse, o palavrão pode dissipar a raiva e evitar uma agressão física. Ele atua ainda como elemento de socialização e comunicação de um estado de euforia.

4. *O medo dos palavrões*

No processo de comunicação direta, a fala apresenta-se recheada de sentimentos e emoções que expressam o que estamos sentindo naquele exato momento. Assim, surge o que chamamos de linguagem popular, e, também, os palavrões. Tais palavras estão presentes em qualquer língua ao redor do mundo. Para Antônio Álvares da Silva, professor titular da Faculdade de Direito da UFMG, ao pronunciar-se sobre uma polêmica em relação ao processo de retirada ou não de determinados livros didáticos de circulação, em decorrência do uso de alguns tipos de palavrões em seu conteúdo, afirmou que do ponto de vista da cultura popular,

Retirá-lo [o palavrão] da linguagem é uma utopia, porque fazem parte da vida e a linguagem é a própria vida, transformada em comunicação com o próximo. Achar que podemos criar uma língua castiça, isenta de palavrões, é querer que o ser humano tenha uma vida sem emoções. Pura teoria, porque razão e emoção são dois conteúdos inseparáveis de quem vive. (SILVA, [s./d.], p. 2)

O autor não defende o uso indiscriminado do palavrão ou gírias, mas ignorá-los ou simplesmente suprimir, seria uma atitude "falsa e elitista", pois a "linguagem popular é um fato do mundo e é dela que língua literária recebe a seiva vital que os escritores e os poetas refinam com a sua sensibilidade, para transformar a palavra em arte... nada pior para o homem do que desconhecer a realidade em que pisa". (SILVA, [s./d.], p. 2)

Outra questão interessante a ser abordada é o palavrão como elemento de *tabu linguístico*. Orsi (2011), no artigo *Tabu e Preconceito Linguístico*, elaborou uma análise interessante sobre o palavrão na condi-

ção de léxico que ultrapassa os “limites” do que se convencionou de boa conduta, especialmente moral. Para a autora,

O tabu linguístico é decorrente das sanções, restrições e escrúpulos sociais; atua na não permissão ou na interdição de se pronunciar ou dizer certos itens lexicais aos quais se atribui algum poder e que, se violados, poderão trazer perseguições e castigos para quem os emprega. E, por estar em si também o impulso por ultrapassá-los, o homem reverte as imposições e usa os palavras e outras construções lexicais como forma de expressão de seus sentimentos e meio de subversão das proibições. (ORSI, 2011, p. 336)

Muitas pessoas têm medo dos palavrões e entendem que sua utilização denota falta de educação. Seguindo esse tipo de análise, por questão de coerência, muitas outras palavras, mesmo as não categorizadas como palavrões podem demonstrar falta de educação. Para ofender alguém em sua dignidade, não necessariamente o indivíduo necessita usar os termos classificados como palavrão. Santos e Costa (2013) argumentam que:

O que dá ao palavrão sua força é o sentido negativo que ele carrega. Como foi visto, embora esse sentido negativo proveniente da própria proibição, dos sentimentos ruins que a palavra possa despertar (nojo, medo, pecado) ou simplesmente pela convenção de um sentido carregado expressividade naquela palavra, esses vocábulos podem ser usados em variados contextos, já que o sentido denotativo dessas expressões não importa muito, mas sim, suas conotações ligadas às sensações que elas podem provocar em quem ouve. (SANTOS & COSTA, 2013, p. 337)

Em determinadas situações, mesmo usando de um palavrão, não significa ofensa alguma no contexto sociocultural brasileiro. Recordamos aqui algumas situações onde em um debate de caráter religioso alguém afirma que os indivíduos por não pertencer às religiões do universo cristão estão possuídos pelo demônio. Impingir ao outro tal mexa “possuído pelo demônio” afronta a dignidade humana, rebaixa a humanidade do indivíduo muito mais que uma expressão “puta merda”. Verifica-se que as mesmas pessoas que abominam o palavrão são capazes de utilizar tal artifício de classificação dos indivíduos.

Neste sentido, a questão do preconceito e intolerância, encontram nas discussões sobre preconceito linguístico um elemento que nos provoca inúmeras reflexões acerca da realidade sociocultural brasileira. De acordo com Orsi (2011),

Compreendemos por preconceito a ideia, a opinião ou o sentimento que pode influenciar e levar o indivíduo à intolerância, à atitude de não reconhecer e admitir uma opinião diversa da sua e, por isso, vir a reagir com violência ou agressividade em certas situações. A linguagem, por ser um fenômeno multi-

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

facetado e, ao mesmo tempo, singular, é expressa de maneira diversa de usuário a usuário e em circunstâncias diferentes. Não obstante, a atitude dos preconceituosos e dos intolerantes é semelhante e homogênea e tenta impor padrões uniformizadores à sociedade em detrimento de variáveis importantes, como o respeito pela individualidade de um sujeito. (ORSI, 2011, p. 341)

A hipocrisia é um sintoma de anormalidade no comportamento e nas relações sociais. Cria-se uma falsa imagem de pessoas, arautos da moralidade, da ética e dos bons costumes, defensores dos princípios e dos valores da família, tidos como verdadeiros e absolutos, quando na verdade não passam de hipócritas. Ninguém é imune aos palavrões na cultura brasileira. Tal realidade faz parte do jeito de ser, de fazer e de viver do povo brasileiro. Afirmar que não admite um palavrão pode até ter sua validade dentro de alguns ambientes familiares, mas isso não significa que na rua, na escola, ou em tantos outros lugares isso não vai aflorar. A realidade é muito mais cruel do que aquilo que podemos ensejar. É essa crueldade da realidade que faz com que os indivíduos busquem formas de reação. O palavrão passa atuar então como uma válvula de escape. Enquanto válvula de escape, ele acaba evitando um mal maior, ou seja, uma agressão física. Uma das funções sociais então dos palavrões é aplacar a ira ante uma eminente agressão física em variadíssimas situações. Assim sendo, ter medo de proferir em determinadas circunstâncias um palavrão, deixa o indivíduo mais susceptível à agressão física. Trata-se na verdade de um tipo de repressão comportamental. Ora aquilo que se reprime de um jeito ou de outro, em algum momento tende a eclodir. Talvez esteja aqui o fundamento de algumas atitudes relacionadas à intolerância religiosa de alguns segmentos evangélicos em relação às religiões de matrizes africanas no Brasil.

5. *Considerações finais*

Tudo depende das circunstâncias. Nem tanto à terra nem tanto ao mar. É compreensível que em cada contexto possa existir um discurso mais adequado a ser proferido pelos interlocutores. Entretanto, os códigos da convivência social não raro são adaptados em conformidade com os meandros, os lugares e personagens em ação. Este é o caso do uso do palavrão.

Neste artigo, apresentamos uma breve reflexão sobre a relação entre cultura popular e palavrão, a partir de duas perspectivas. A primeira discutindo o uso das palavras e seu significado cultural, demonstrando que a ideia de palavrão pode ser determinada de acordo com a diversidade

de cultural, conforme o exemplo, a breve narrativa do uso da palavra “novidade” e “fome”. Para aquele núcleo familiar, estas palavras remetiam a algo proibido, agressivo e, por isso, não poderia ser proferido. Eram consideradas palavrões! Em seguida, chamamos a atenção para duas questões fundamentais: o tabu e o preconceito linguístico. A linguagem é social, e, portanto, expressa o que uma determinada sociedade possui como valores, cultura, normas, regras, conforme exposto por Leite (2008). Em geral, o tabu linguístico associa-se, também, a linguagem erótica e obscena. Entretanto, dependendo do ambiente no qual o sujeito está inserido, o palavrão pode ou não ser proferido, denotando uma questão de espaço público e espaço privado. Além disso, é possível notar a importância do palavrão para aliviar tensões e estresses presentes no cotidiano. Esta afirmativa pode ser justificada através dos dados apontados por Achakar (2015).

A última parte do artigo argumenta sobre os motivos que levam determinados grupos sociais ou indivíduos a sentirem medo de proferir palavrões, por causa do sentido negativo que ele carrega, conforme exposto por Silva e Costa (2013). Por outro lado, o não uso ou a imposição em relação a sua retirada dos espaços sociais denota a ação de grupos conservadores da sociedade, o que pode ser observado nas discussões sobre o uso de palavrões e gírias em livros didáticos, devidamente contextualizados. Outra questão problemática é o uso de determinados termos, em se tratando do debate religioso: o indivíduo que não apresente proximidade com o universo cristão, para algumas vertentes pentecostais, esse indivíduo é caracterizado como “possuído pelo demônio”, o que o coloca, em última instância, em lugares extremamente rebaixados do ponto de vista de um “xingamento”.

Por fim, o artigo chama a atenção para o caráter hipócrita e de falso moralismo em torno do uso ou não do palavrão. Para além de seu significado negativo, conforme querem impor determinadas camadas sociais, é fato que o palavrão é um elemento da cultura popular, existe em qualquer sociedade do globo terrestre e reprimir seu uso traduz-se como um meio de repressão comportamental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHKAR, Michelle. *Falar palavrão é uma forma de aliviar a dor, diz pesquisa*. Disponível em: <<http://saude.terra.com.br/falar-palavrao-e>

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

[uma-forma-de-aliviar-a-dor-diz-pesquisa.18498c3d10f27310VgnCLD100000bbcceb0aRCRD.html](http://www.trt3.jus.br/download/artigos/pdf/161_palavroes_linguagem_vida.pdf)>.

AUGRAS, Monique. *O que é tabu*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FRANKFURT, Henry G. *Sobre falar merda*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2005.

LEITE, Marli Quadros. *Preconceito e intolerância na linguagem*. São Paulo: Contexto, 2008.

ORSI, Vivian. Tabu e preconceito linguístico. *ReVEL*, vol. 9, n. 17, 2011. Disponível em:

<<http://www.revel.inf.br/downloadFile.php?local=artigos&id=299&lang=pt>>.

SANTOS, Demócrito Cruz; COSTA, Kátia Regina Lopes. Palavrão: um olhar sobre a possível não arbitrariedade deste signo linguístico. *Web-Revista Sociodialeto*. Bacharelado e Licenciatura em Letras. UEMS/Campo Grande, vol. 3, n. 9, mar. 2013. Disponível em:

<<http://www.sociodialeto.com.br/edicoes/14/01042013045626.pdf>>.

SILVA, Antônio Álvares da. Devem ser retirados de circulação os manuais que contém palavrões? Não. Palavrões são parte da linguagem e da vida. [s./d.]. Disponível em:

<https://www.trt3.jus.br/download/artigos/pdf/161_palavroes_linguagem_vida.pdf>.